

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 4



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2001

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 4 – Dezembro de 2001

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Faculdade de Letras
P-3000-447 Coimbra Codex
Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 231/325
P-4100-479 Porto
Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

ALICE MARIA TEIXEIRA DE SABÓIA, ET ALII – Ortografia portuguesa, estrangeirismos e globalização	7
ÂNGELA MARIA DIAS – Topografias poéticas da pós-modernidade no Brasil	21
BARBARA HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Algumas observações sobre o emprego do Futuro do Indicativo em polaco e em português	45
CARLOS VELOSO – Impressões sobre (e a partir de) Eduardo Lourenço..	71
FLAVIA MARIA CORRADIN – No cair do pano camiliano, ficam-lhe as máscaras.....	81
FRANCISCO MACIEL SILVEIRA – O conto machadiano ou “a realidade é boa, o Realismo é que não presta.”	95
HENRY THORAU – Da Arcádia às Masmorras – o Teatro de Arena conta Tiradentes	105
IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS – <i>La Pierre du Royaume, version pour Européens et Brésiliens de bon sens</i> : a dupla tradução do romance de Ariano Suassuna.....	117
INOCÊNCIA MATA – Pepetela e as (novas) margens da “nação” angolana.	133
IZABEL MARGATO – Lisboa em outro tempo de escrita	147

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA – “Neste momento a minha mão não tem autor”. Introdução ao primeiro volume de uma imaginária antologia brasileira da poesia portuguesa no século XX: 1920-1970.	157
JUAN M. CARRASCO GONZÁLEZ – <i>A Oração da Emparedada</i> da Biblioteca de Barcarrota.....	173
LAURA CAVALCANTE PADILHA – Nas dobras dos panos – feminino e textualidade em duas narrativas fundacionais angolanas.....	183
M. CARMEN VILLARINO PARDO – 40 anos de uma estreia: a entrada de Nélida Piñon no campo literário brasileiro com <i>Guia-Mapa de Gabriel Arcanjo</i> (1961).....	195
MAGDELAINE RIBEIRO – A produção do signo na escritura de João Cabral de Melo Neto.....	233
MALCOLM K. MCNEE – Alegorizando as Periferias: Pontos de Articulação entre a Crítica Cultural de Frederic Jameson e Roberto Schwarz.....	245
MARIA ISABEL VALE FERREIRA – CD ROM em PLE.....	265
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE – Nas memórias do Volfrâmio – um sociolecto luso-galaico.....	275
MARINA KOSSÁRIK – Questões de fala nas obras linguísticas portuguesas dos séculos XVI e XVII.....	295
MAURIZIO PERUGI – “Um branco som de espuma”: Pré-história de duas Odes de Ricardo Reis (Livro primeiro, III e VI).....	321
ROLF NAGEL – Anúncios, língua e vergonha. Observações sobre o periodismo em Portugal e no Brasil.....	345
ROSELI SANTAELLA STELLA – Documentos para a história de Portugal encontrados no Brasil e na Espanha (séc. XV-XVI).....	349

“Neste momento a minha mão não tem autor”¹. Introdução ao primeiro volume de uma imaginária antologia brasileira da poesia portuguesa no século XX: 1920-1970

JORGE FERNANDES DA SILVEIRA

Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro

para Mauricio Matos

“Numa antologia, há sempre que considerar dois aspectos: quando é feita para consumo interno, isto é, de autores nacionais para leitores nacionais, pode ser realmente seletiva, escolhendo-se o melhor dentro de um critério intuitivo; quando é feita, como esta, para consumo externo, ela tem de ser representativa, mas aí entra a questão da alienação estética: o que é representativo de um autor pode não ser significativo para o leitor estrangeiro. De qualquer forma, é ponte que se lança. E quando se trata de abrir passagem para a poesia, todos os caminhos são úteis.”

Fausto Cunha, ‘Quase uma idade de ouro’, in João Alves das Neves (org), *Poetas portugueses modernos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

¹ António Ramos Rosa, “A mão que escreve”, *O não e o sim*, Lisboa, Quetzal, 1990, p. 62.

ÀS VEZES PENSO: O LUGAR É TREMENDO (Herberto Helder).²

Os poetas que formam o *corpus* do primeiro volume dessa antologia imaginária distribuem-se, em sucessão cronológica, de 1920 a 1970, em obediência ao seguinte critério: 40 dos que tiveram o livro de estréia publicado ao longo desses 50 anos estão convocados, levando em conta o progresso da obra ao longo dos anos, e não o sucesso de “fase” considerada a mais representativa; aqueles que vieram a expurgar o(s) primeiro(s) livro(s) de sua bibliografia ou que o(s) tenha(m) reincorporado(s) depois num único volume, datado de acordo com o critério em pauta, terão a decisão, sábia (onde encontrar tais edições?) e modestamente (se a antologia não é uma edição crítica, para que encontrá-las?), respeitada. Embora uns possam parecer (in)substituíveis ou (im)previsíveis e outros vir a parecer definitivos ou “antológicos”, todos estão de passagem. Uma antologia é um espaço transitório onde o autor, um leitor privilegiado, orienta-se pela história do seu gosto pessoal ou, no meu caso particular, por sua experiência profissional. A esta sobretudo creditaria os poetas presentes. Mesmo que duas ou três ausências me perseguissem, não iria nomeá-las. Mais importante é afastar do projeto a idéia de panorama (de poesia ou de poéticas) e deixar claro que é um hábito de ler, desenvolvido a partir do convívio com os poetas mais amados e do nível de exigência e expectativa que a leitura desses mesmos poetas implica, seja no domínio privado ou no público, que faz com que essa antologia se apresente como uma conversação entre alguns poetas portugueses do século XX sob a supervisão de um leitor brasileiro informado e interessado.

No estudo introdutório a uma antologia, importa assinalar a coincidência entre o fato histórico e o literário, à luz do tempo em que, Pessoa o escreveu, “o poeta é um fingidor”. *Orpheu* é lançada no quinto ano de vida do Portugal republicano. Um ano depois do fim da breve democracia portuguesa, interrompida durante 48 anos por uma das mais sinistras ditaduras “modernas”, sai o número inaugural da *Presença*. Esse volume, que apresento, não pretende contar

² “Lugar, VI”, *Poesia Toda*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990, p. 172.

essa história. Não saberia. Nas linhas a seguir, contudo, há o propósito de tornar legível um método dialético de trabalho em que o texto literário e o contexto histórico surpreendem-se em estado de diálogo permanente. A meu ver, não há melhor modo de apresentar um objeto cultural. Tão certo dessa hipótese me sinto que o segundo volume, mais imaginariamente ainda por vir, começa com poetas cujo primeiro livro tenha sido editado a partir de 1970, quatro anos antes da Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974 que, há quase trinta anos, pôs fim à ditadura administrada por um ex-seminarista e ex-professor de economia de Coimbra; ditadura que começou, portanto, quase ao mesmo tempo do lançamento, na mesma trágica Coimbra de Inês de Castro, de uma das mais resistentes *folhas de arte e crítica* portuguesas.

Imagino, portanto, uma antologia de poesia portuguesa no século XX entre um Golpe de Estado e uma Revolução Militar.

QUE ROMPAM AS ÁGUAS: É DE UM CORPO QUE FALO. (Eugénio de Andrade)³

Os quatro poetas com que inicio a antologia estão ligados à revista *Presença* e têm um modo muito próprio de pensar as relações entre o sujeito e as circunstâncias.

De acordo com o critério cronológico adotado, nos poemas de José Régio, Adolfo Casais Monteiro, Edmundo de Bettencourt e Miguel Torga, um jeito já clássico de ser poeta define-lhes afinidades e apontalhes as diferenças. Um sujeito, em conflito com o mundo exterior, bate-se contra si mesmo e afunda-se no “poço” da sua excêntrica interioridade. *Narciso*, de José Régio, título do primeiro poema da coletânea, e *Orfeu rebelde*, livro e poema de Miguel Torga, podem ser lidos como pórtico dessa poesia que, agora, interessa atualizar. Por um lado, como figuras mitológicas, Narciso e Orfeu simbolizam o que neles se eternizou: auto-enamoramento, morte, encanto, ressurreição; por outro lado, como potestades transpostas para a modernidade, anunciam o “presencismo”: uma importante geração de escritores que,

³ “Espelho”, *Mar de setembro / Poesia e Prosa*, IN-CM, 1980, p. 170, vol. 1.

reunida em torno da revista coimbrã *Presença* (1927-1940), tem – entre muitos – o mérito de partilhar a divulgação da sua obra com a de outros. Dos novos dados por ela a conhecer, escritores portugueses da geração imediatamente anterior se destacam.

São os poetas da revista lisboeta *Orpheu*, representantes do chamado Primeiro Modernismo. Levados pela tão comum quanto redutora idéia de continuidade na evolução, alguns chamam os promotores dos de 1915 integrantes do Segundo Modernismo. Se o reconhecimento da legitimidade dessa filiação excede os termos de compromisso dessa antologia, um fenómeno a ela ligado fez com que, antes de outras considerações, fossem definidos critérios e metodologia de trabalho.

Os dois únicos números de *Orpheu*, no início do século passado, deram a lume aquele que não pára de dividir-se por suas próprias mãos e de multiplicar-se nas mãos de leitores e editores ávidos, vindo a consumir-se no maior mito da literatura portuguesa do presente: Fernando Pessoa (1888-1935).

Ele está em todas as bancas (de acadêmicos, livreiros e jornalheiros) como está em todos os bancos (comerciais, públicos e escolares). Logo, primeira conclusão ou justificativa grosseira: não precisa fazer número numa seleção cujo principal objetivo é apresentar ao brasileiro leitor de poesia poetas que lhe sejam pouco ou nada conhecidos, desde o aparecimento do *presencismo*. Segunda conclusão ou hipótese bem comportada, apesar de pôr de fora um autor pouco conhecido e da grandeza de Almada Negreiros: consciente de ser menos importante reler o que Pessoa e os seus escreveram do que dar voz e ouvidos aos que os divulgaram, ou a eles se seguiram, alargando os nossos sentidos sobre o século XX, é preciso reconhecer a riqueza da poética e fortuna crítica pessoanas, no contexto de um trabalho em que a melhor qualidade é ao mesmo tempo o maior desafio, i.e., impor limites entre expansão/contenção, inclusão/exclusão.

Contemporâneo da República (1910), do golpe fascista (1926) e do início da ascensão do Salazarismo (1932), Pessoa, que pregou a dispersão em si, alheando-se da idéia vulgar de valor e de poder, funde-se inexoravelmente em qualquer gênero de discurso que tenha a vontade de entender a cultura portuguesa de novecentos.

Versos de um poeta à margem de movimentos, Ruy Belo – “(o resto vem no pessoa/ Pessoa é o poeta vivo que me interessa mais)”,

“Da poesia que posso”, *Homem de palavra(s)*, 1970 –, de Fiana Hasse Pais Brandão, da *Poesia 61* (“Por muito que a minha escrita decalque as páginas de fernando pessoa/ eu digo numa fissura do verso uma outra coisa.”, “Hora obscura”, *O texto de Joao Zorro*, 1974), e o bellissimo poema “Cíclades”, da já clássica Sophia de Mello Breyner Andresen (“Porém obstinada eu invoco – ó dividido-/ o instante que te unisse/ E celebro a tua chegada às ilhas onde jamais vieste”– *O nome das coisas*, 1977), seriam estrategicamente selecionados, a fim de homenagear o autor da *Mensagem* (1934).

Insistindo nos títulos como interpretações dos textos e, portanto, favorecendo-lhes uma intervenção cada vez mais ampla, concluem-se os apontamentos acerca dos primeiros modernistas, juntando-se, no discurso, novas vozes, a serem depois contextualizadas.

Se houver, nos *Poemas de Deus e do Diabo* (1925) de Régio, e no *Orfeu rebelde* (1958) de Torga, uma tagarelice interiorana, onde se ouvem muitos gritos e (privilegiados na seleção) poucos sussurros de uma individualidade extraordinária contra forças tutelares antagônicas, haveria, nos *Poemas surdos* (1940) de Bettencourt e no *Voo sem pássaro dentro* (1954) de Casais Monteiro, um outro tipo de sensibilidade, em que, ao manifestar uma certa deficiência nos sentidos (da audição, de direção), o sujeito faz da carência um modo mais apurado de estar atento às plurívocas formas de expressão de um tempo e um espaço progressivamente cosmopolitas: “Dentro de mim me quis eu ver/ ...Lá no fundo do poço em que me espelho!” (Régio, “Narciso”, *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925); “Desço aos infernos, a descer em mim.” (Torga, “Descida aos infernos”, *Orfeu rebelde*, 1958); “Meu canto não fala de mim. / Eu sou no silêncio.”, “voo sem pássaro dentro.” (Casais Monteiro, “Canto”, *Noite aberta aos quatro ventos*, 1943; “Aurora”, *Voo sem pássaro dentro*, 1954); “A suspensão do voo ampara...” (Bettencourt, “Nocturno fundo”, *Poemas surdos*, 1940).

A partir dessa via de interlocução textual, viriam ao encontro dessas expressões dois poetas pós-presencistas pouco conhecidos mesmo em Portugal, Irene Lisboa e Raul de Carvalho. Ela, autora de poema de título dialogante como “Moderno Narciso”, propõe “certos temas” pertinentes à sua condição de mulher num quotidiano poético regido por leis masculinas: “Que fizeste dos teus pensamentos? / Não os vêem, grãos de areia disseminados.” (“Não”, *Outono havias de vir*, 1937). Ele, “Recordando Irene Lisboa”, erotiza a imagem épica do

marinheiro português num corpo à deriva, estigmatizado pela opção homossexual: “Se não fosses marinheiro.../ Eras água para amar...” (“Do outro lado da mesa”, *De nome inominado*, 1974). Grifo nesses corpos, em que, mais do que a *presença* de individualidades malditas, inscrevem-se questões ético-estético-culturais de sujeitos postos na marginalidade, o verso final de um poema de António Gedeão que, à primeira vista, poderia ser considerado alheio à questão: “Não se nasce impunemente/ nas praias de Portugal.” (“Poema da malta das naus”, *Teatro do mundo*, 1958).

Nas páginas dessa antologia, marcas desse corpo português não-impune virão ainda a ser encontradas, em versos de Natália Correia, com epígrafe de Mário Cesariny⁴ (“Nós não somos burgueses Mário / o que nós somos todos é sebastianistas.” – “Verdadeira litania para os tempos da revolução”, *Inéditos*, 1959/61), e em versos de José Gomes Ferreira (“Não nasci por acaso nestas pedras / mas para aprender dureza” – *Comboio, Poesia IV*, 1970). Nela, sinais da intervenção surrealista, através da citação de um poeta emblemático do movimento, integrante do Grupo Surrealista de Lisboa formado em 1947. Nele, a necessidade de saber-se português, por meio da lição de liberdade pregada pelos neo-realistas.

Entre eles, a genialidade de um Eugénio de Andrade que, sem alienar-se na auto-contemplação, ou comiseração de si, historiciza o seu nome (“uma criança passa de costas para o mar/ dói-me esta solidão de pedra escura” – *As palavras interditas*, 1951), mantendo-se vivo no corpo dos jovens amantes, na memória da mãe, no seu amor próprio pelas palavras: “Com palavras amo.” – “Cristalizações”, *Ostinato rigore*, 1964.

MEU PAI GRITAVA: COMEU-SE DEMAIS NA TERRA. (Luiza Neto Jorge)⁵

Atendendo à lógica de explicação tramada pelos textos selecionados, descartada qualquer pretensão de contar a história da poesia por-

⁴ “Burgueses somos nós todos/ ó literatos/ burgueses somos nós todos/ ratos e gatos”, Mário Cesariny citado por Natália Correia, *Poesia completa*, Lisboa, Dom Quixote, 1999, p. 196.

⁵ “Recanto 4”, *Dezanove recantos/Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993, p. 181.

tuguesa do século XX, é hora de abrir a roda às novas “notícias”, para chegar mais depressa aos anos 70. Tempo literalmente noticiado por um dos mais *engajados* poemas do modernismo português: “Notícias do bloqueio”, de Egito Gonçalves – “Vai pois e noticia com um archote/ aos que encontrases de fora das muralhas/ o mundo em que nos vemos, poesia/ massacrada e medos à ilharga.” (*A viagem com o teu rosto*, 1958).

“O povo traz coisas para a sua casa/ do meu poema.” Estes versos de Herberto Helder (“O poema”, *A colher na boca*, 1961) com o seu repto comunitário, a desconcertar cada leitura, têm a hospitalidade que move muralhas, a camaradagem de evitar que outros passem despercebidos. Sejam os versos de temática agrária de um Fernando Echevarría, cuja raiz comovida (“Sobe a lavoura da fundação arcaica”, *Geórgicas*, 1998) os filia, nomeadamente, a Vitorino Nemésio, este maravilhoso “pai” a disputar com Pessoa o número de ilustres descendentes, como Vasco Graça Moura: “ele não era/ ‘o nosso querido amigo’ mas porém/ a mais íntima voz das respeitadas”(“Carta à mulher amada sobre a morte de vitorino nemésio”, *Sequências regulares*, 1978); “eu que detesto/ tanta coisa em pessoa e camaradas” (“O encontro”, *A sombra das figuras*, 1985). Sejam os versos de Sophia que comemoram o 25 de Abril “Como casa limpa/ Como chão varrido/ Como porta aberta// Como puro início/ Como tempo novo/ Sem mancha nem vício// Como a voz do mar/Interior de um povo// Como página em branco/ Onde o poema emerge// Como arquitectura/ Do homem que ergue/ Sua habitação” (“Revolução”, *O nome das coisas*, 1977). Sejam ainda os versos de poemas de Miguel Torga, sobretudo os dos *Diários* do fim da vida. Quer pelo carácter telúrico de raiz romântica, quer pelo confessionalismo cada vez mais próximo do desencanto social, esses poemas, que a seu modo já reivindicaram a solidariedade necessária entre as palavras “pátria”, “mão”, “pão” e “lavoura”, não surpreendem quando, nas páginas dos últimos *Diários*, registram ser a “revolução dos cravos” traição do Abril anunciado como “Vulvas de todas as cores/ No impudor da primavera.” (“Abril” [14.04.74], *Diário XII*, 1977): “Só tu, musa cruel/ Só tu eras capaz/ de uma tortura tão desnaturada.” (“Insónia”, [10. 05. 74], *Diário XII*, 1977).

Se, de fato, não houver surpresa em semelhante registro, “trazidas” pelos versos de Herberto Helder, há questões tão difíceis quanto estas: de quem é a casa que o poeta diz ser do povo no seu poema?

E ainda: que coisas são essas que um traz para a casa do outro? Ou ainda mais: afinal, que casa é esta? De que casa se fala?

Numa palavra, há muitas respostas e *um único problema*: as relações entre a literatura e a sociedade. Na literatura portuguesa da segunda metade do século, essas relações atendem pelo nome de Neo-Realismo, movimento questionador dos ideais estetizantes da *Presença*, sem ser, revisitado hoje, temática e formalmente, contrário às proposições das vanguardas de aspecto surrealizante (Cesariny, O'Neill, António Maria Lisboa), experimental (Melo e Castro: "Amo as palavras/ porque as palavras não/ dizem nada." – *Elementos de desfiguração*, 1955, e Ana Hatherly), ou mesmo – hipótese ousada – à "escrita marcada por uma espécie de exiguidade, de minimalismo verbal" (Fernando Guimarães⁶) própria de *Poesia 61* (Casimiro de Brito, Fiana Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Luiza Neto Jorge e Maria Teresa Horta).

Neo-realistas "de antologia", vinculados à origem do movimento, por intermédio da coleção *Novo Cancioneiro* (1941), são, aqui, poucos: Manuel da Fonseca ("que sou todos sabem um homem do povo.", "Saibam todos em Montemaior" – *Obra poética*, 1984) e Carlos de Oliveira (sou um pouco de dia anoitecido/ mas sou convosco a treva florescendo." – "A noite inquieta", *Colheita perdida*, 1948). Neo-realistas, porém, não deixam de ser todos os grandes poetas que, como os dois nomeados, surgem nos anos 40 e vão-se firmando ao longo da década seguinte, levantados "do modo funcionário de viver" (Alexandre O'Neill, "Um adeus português", *No reino da Dinamarca*, 1958): Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, José Gomes Ferreira. Mais acertadamente, esses poetas não são "neo-realistas"; *estão* conscientes de que "o realismo" é o que define a natureza cultural da linguagem. Logo, porque escreve, todo escritor é *realista*. Mas, como diz Ana Hatherly, "Há os indivíduos que constantemente crescem e os que/ gradualmente insignificam." – "Cosmodromo ou o figo metafísico", *Eros frenético*, 1968.

Pelo exposto, uma antologia (um lugar-comum) não se faz com o reconhecimento dos nomes presentes nem se desfaz com a reivindica-

⁶ "A terra, o outro e o nada", *JL/Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XIX, 748, Lisboa, 2/6/99, p. 23.

ção de nomes ausentes. Uma antologia é digna de atenção quando os textos nela selecionados são representativos da pertinência das suas idéias.

Não sem provocação, os versos de Herberto Helder atrás citados fazem-se de porta-voz da matéria em debate. As discussões sobre o empenhamento em arte, conceituadas por meio de uma estética do testemunho, metaforizam-se na materialidade de uns versos, na comunhão que eles representam entre o trabalho poético e o trabalho de comunicação pela linguagem: no espaço socializante da casa, o poeta e o povo (atenção: não digo o poeta do povo, mas poderia dizer o povo do poeta) repartem as coisas que lhes são comuns, entre elas duas formas de expressão que se completam, a oralidade e a escrita. Como imagem dessa casa feita de “coisas trazidas” comunitariamente, há belos exercícios de articulação verbal, em que os poetas soletram as palavras que (ou com as quais) compõem o seu modo de estar no seu mundo, e na “pátria” comum. Sophia: “- Pedra rio vento casa/ Pranto dia canto alento/ Espaço raiz e água/ Ó minha pátria e meu centro”- “Pátria”, *Livro sexto*, 1962. Eugénio: “Aqui moram as palavras; as mais antigas, as mais recentes: mãe, árvore,/ adro, amigo.” - “Espelho”, *Mar de setembro*, 1961. Ramos Rosa: “Soletro velhas palavras generosas/ Flor rapariga amigo menino/ irmão beijo namorada/ mãe estrela música.” - “O funcionário cansado”, *Viagem através duma nebulosa*, 1960. Sem esquecer Herberto Helder, é claro: “Castiçal, silveira, linho - e:/ porta porta.” - “Joelhos, salsa, lábios, mapa”, *Electronicolítica*, 1964.

Em literatura - como se lê nos versos acima e em outros da antologia -, uma casa de escrita é uma forma discursiva ou antidiscursiva que, dependendo da sensibilidade ou do ‘estilo’ do autor, da cumplicidade do leitor, do ‘gosto’ da época, será modernista, presentista, neo-realista, surrealista, experimentalista, vanguardista... Isto é: uma forma. Um objeto formal cheio de sentidos, de idéias, em perpétuo movimento, do autor para o leitor e ‘vice-versa’.

O amor em visita é título de poema-livro de Herberto Helder, sem dúvida “o habitante de um nome” (*Última ciência*, 1988) tutelar na lírica portuguesa do século. Se insisto na casa, como metáfora estruturante da inter-relação amorosa autor/leitor, é porque nesta comunidade de poetas que reúnem habitam extraordinários amantes. Como o autor de *A colher na boca* que, “no sorriso louco das mães”

(“Fonte”), põe à prova amores de berço em que o instinto e o desejo se fundem na mais feroz ciência da sexualidade humana; porque ‘nela’, parodiando Camões, “onde se escreve mãe e filho” (*Última ciência*), *o sensual é maior*. Ou como David Mourão-Ferreira: “Tentei fugir da mancha mais escura/ que existe no teu corpo, e desisti./ Era pior que a morte o que antevi:/ era a dor de ficar sem sepultura.// Só por dentro de ti há corredores/ e em quartos interiores o cheiro a fruta/ que veste de frescura a escuridão...” – “Casa”, *Infinito pessoal*, 1962).

Sejam esses versos de David a chama que aconchega, feliz, um ‘amor ardente’ à portuguesa: “insurrecto”, sarcástica e ferozmente doméstico em Luiza Neto Jorge (“Porque envelheço, adoço, esqueço/ Quanto a vida é gesto e amor é foda;/ Diferente me concebo e só do avesso/ O formato mulher se me acomoda” – “Minibiografia”, *A lume*, 1989); despudoradamente feminista em Maria Teresa Horta (“É como se fosse um fogo/ de afogar/ uma estranha sofreguidão no peito vinda da infância// Uma fome depressa – “Sofreguidão”, *Destino*, 1998); cínico, homoerótico, “Um corpo inteiramente/ português/ transido de ternura./ O óleo das suas mãos protegia-me/ o coração.” em Armando Silva Carvalho (*Canis dei*, 1995); comovidamente contido, cenicamente mostrado em Gastão Cruz (“Ondas da água imaginária/ molham-te o sonho/ como um/ parque de areia// És o que vê debaixo das/ próprias pobres pálpebras/ e lê no céu dos olhos/ os mistérios do tempo” – “Sob o céu dos olhos”, *O pianista*, 1984); sábia e saborosamente maduro em Helder Macedo (“Erguido amigo dos projectos latos/ pinheiro rubro no meu fundo leito// onde estás agora” – “8”, *Viagem de inverno*, 1994); comunal e virtualmente agrícola em Pedro Tamen (“Amar-te era lembrança e profecias,/ uma porta já feita para abrir,/ e encontrar o lar ou música lavada/ onde, se nasces, vives, duras, moras/ – meu nome exacto e pão no chão das alegrias.” – *Escrito de memória*, 1973); eruditamente popular em Vasco Graça Moura (“no outono de 1879, em vila viçosa,/ mais exactamente a dezoito de outubro,/ henrique poução desenhou o retrato de francisca matroco,/ sua prima, talvez já sua namorada.” – “O retrato de francisca matroco”, *O retrato de Francisca Matroco e outros poemas*, 1998); antipacificamente experimentado em Jorge de Sena (“Sobre esta praia me inclino./ Praias sei:” – “Oito meditações à beira do Pacífico”, *Sobre esta praia*, 1977); desejante da espiritualidade oriental em Casimiro de Brito (“Caminho para o silêncio/ como se fosse um vaso.” – “36”, *Regresso à fonte*, 1985);

exuberantemente ibérico em Ruy Belo ("Eu tinha uma cidade tinha o nome de madrid/ havia as ruas as pessoas o anonimato/ os bares os cinemas os museus/ um dia vi-te e desde então madrid/ se porventura tem ainda para mim sentido/ é ser a solidão que te rodeia a ti" – "Muriel", *Toda a terra*, 1976)... Provas de "o amor feroz", Herberto Helder!

Nem deixarão menosprezadas essas maneiras de amar um ramo de amor trovadoresco em cuidado, terno e perverso, nas "cantigas" de Régio ("Cantar de amigo", *Música ligeira*, 1970), Natália ("Ledo o meu amigo foi caçar no monte," – *Inéditos*, 1990), Nemésio ("Muito me tarda!", *Nem toda a noite a vida*, 1952), Helder ("Bailemos amigas", *Viagem de inverno*, 1994), Luiza ("Balada apócrifa", *Quarta dimensão*, 1961), Cesariny ("Cantiga de amigo e de amado", *Retratos e poemas*, 1998), Alegre ("Uma flor de verde pinho", *Coisa amar*, 1976).

EU VI A AGRICULTURA: SEMEAVAM. (Fiama Hasse Pais Brandão).⁷

O material poético da idéia de casa em construção imaginária e solidária chega ao seu destino.

É tempo de concluir, de dar uma direção final a essa mão sem autoria única, visto que não são poucos os autores que conta. Entre eles, 5 dos 40 selecionados puxam agora os termos da despedida. Por estarem alinhados com a método dialógico dessa antologia, em que sobressaem as relações entre o literário e o histórico, esses poetas não objetivam nenhum particularismo, expressam, sim, com mais transparência aquilo que em outros é via de interpretação cortada por um outro sentido mais corrente.

As considerações que se seguem são complementarmente importantes, quer, em geral, no que diz respeito ao problema da metodologia de leitura aplicada aos autores e aos gêneros dos textos, quer, em particular, numa literatura como a portuguesa onde o dilema partir/ficar, interior/exterior ainda está em curso.

Assim, falando de metáforas de viagem em país de marinheiro, "tristes notícias vos dou" – diria "O viandante", de *Mãe pobre* (1945),

⁷ "Germinações-1.^a (Agricultura)", (*Este rosto/Obra breve*, Lisboa, Teorema, 1991, p. 93.

Carlos de Oliveira – da casa portuguesa colonialista, que atravessou o mar para morar, matar e morrer na África, segundo Fernando Assis Pacheco (“meu pai minha mãe pés e mãos/ sovaco encortido pés e mãos/ eu temo que apodreço. Dois de Junho” – “Carta aos pais”, *Lote de salvados*, 1990) e Manuel Alegre (“Sim nós sabemos Hiroxima é triste/ mas ouve em Nambuangongo existe/ em cada homem um rio que não corre.” – “Nambuangongo meu amor”, *O canto e as armas*, 1967).

Da casa emigrante para uma Europa vizinha e inóspita, chegam igualmente notícias no “canto” triste de Manuel Alegre, “Nesta noite de Julho sem pátria em Paris.” – “Paris não rima com meu país”, *Praça da canção*, 1965.

“Houve um tempo sem forma”, “Na ilha por vezes habitada do que somos”, “Levantamos um punhado de terra e apertamo-la nas mãos”, “A pedra se moldou”. Esses versos em forma de colagem são do romancista, do Prêmio Nobel de Literatura 1998, José Saramago. O autor d’*O Ano da morte de Ricardo Reis* é também poeta, e dos bons. O melhor da sua poesia não está nos seus romances, contrariamente ao que ele diz. A montagem que faço tem a finalidade de, recorrendo palavras já comuns à sua ficção e mesmo à sua biografia, orientar a leitura do poeta que, não tenho dúvidas, será sempre reconhecido como excepcional romancista. Ao apresentar *Os poemas possíveis* (1966) na segunda versão (1982), não discuto o direito de o autor mandar na obra já publicada, que ele pensa ser só sua. Possibilito, ao contrário, a atualidade dos seus textos, apostando ainda na sua popularidade junto ao leitor brasileiro como hipótese de vir a divulgar outros poetas igualmente importantes e, quiçá, mais urgentes de serem conhecidos.

“A um poeta só o rigor se pede, a correção jamais”: Mário Cláudio, “Expedição ao levante”, *Terra sigillata*, 1982. O autor d’*A quinta das virtudes* pode, para alguns, ser mais um “caso” comparável ao de Saramago. Embora também se distinga como ficcionista, Mário Cláudio é um poeta de qualidades indiscutíveis que, quanto mais se exercita como prosador mais apura o seu verso. Os textos que aqui recolho demonstram a diferença entre os primeiros poemas, mais narrativos, e os do último livro, mais contidos no nível da expressão e, conseqüentemente, da forma.

Reservo as considerações finais para a obra de um notável poeta que é mais apontado como notável crítico de poesia. Fernando

Guimarães é desses poetas-críticos em que a especificidade de um ofício informa à perfeição a propriedade do outro. Posso dizer que, de certo modo, poemas do autor de *A casa: o seu desenho* (1985) orientam este meu trabalho, na busca do lugar de equilíbrio entre o conhecimento da materialidade das coisas e a experiência imaginária da representação poética (note-se o título do livro acima). A sua concepção de poesia pode resumir-se na imagem de um poema (“Pé”), onde se vê um pé “(qual verso)” (*As mãos inteiras*, 1971). Ou seja, em termos prosaicos, um pé humano qual pé de verso grego ou latino. E essa imagem no limite entre o referencial e o simbólico, o conceptual e o metafórico, o natural e o cultural – que deve ser associada a outras: “pés alados do seu voo”, “pés inchados de Édipo”, (“O significado dos sonhos”, *Três poemas*, 1975) “folhas de cada rosto” (*Tratado de harmonia*, 1988) – acaba por remeter essas referências tanto à cultura contemporânea como à da antigüidade, sobretudo a grega, dando aos seus poemas uma dimensão mítica e sugerindo uma volta criticamente comparativa às figuras *presencistas* de Narciso e Orfeu...

Mas isso fica a critério do leitor. Eu já cuidei da cultura das suas flores do jardim da minha casa, pois uma antologia, como se sabe, não deixa de ser, na origem, um trabalho de agricultura.

Mesmo uma antologia imaginária. Como a minha.

Rio de Janeiro, junho 1999/janeiro 2000/janeiro 2001

ORDEM DE ENTRADA DOS POETAS, A PARTIR DO PRIMEIRO LIVRO

1. José Régio, *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925
2. Adolfo Casais Monteiro, *Confusão*, 1929
3. Edmundo de Bettencourt, *O momento e a legenda*, 1930
4. Miguel Torga, *Rampa*, 1930
5. Irene Lisboa, *Um dia e outro dia...*, 1936
6. Vitorino Nemésio, *O bicho harmonioso*, 1938
7. Manuel da Fonseca, *Rosa dos ventos*, 1940
8. Carlos de Oliveira, *Turismo*, 1942
9. Jorge de Sena, *Perseguição*, 1942

10. Sophia de Mello Breyner Andresen, *Poesia*, 1944
11. Natália Correia, *Rio de nuvens*, 1947
12. Eugénio de Andrade, *As mãos e os frutos*, 1948
13. José Gomes Ferreira, *Poesia I*, 1948
14. Raul de Carvalho, *As sombras e as vozes*, 1949
15. Mário Cesariny, *Corpo visível*, 1950
16. Egito Gonçalves, *Poema para os companheiros da ilha*, 1950
17. David Mourão-Ferreira, *A secreta viagem*, 1950
18. Alexandre O'Neill, *Tempo de fantasmas*, 1951
19. E. M. de Melo e Castro, *Sismo*, 1952
20. António Maria Lisboa, *Ossóptico*, 1952
21. Fernando Echevarría, *Entre dois anjos*, 1956
22. António Gedeão, *Movimento perpétuo*, 1956
23. Fernando Guimarães, *A face junto ao vento*, 1956
24. Pedro Tamen, *Poema para todos os dias*, 1956
25. Casimiro de Brito, *Poemas da solidão imperfeita*, 1957
26. Helder Macedo, *Vesperal*, 1957
27. Ana Hatherly, *Um ritmo perdido*, 1958
28. Herberto Helder, *O amor em visita*, 1958
29. António Ramos Rosa, *O grito claro*, 1958
30. Maria Teresa Horta, *Espelho inicial*, 1960
31. Luiza Neto Jorge, *A noite vertebrada*, 1960
32. Ruy Belo, *Aquele grande Rio Eufrates*, 1961
33. Fiama Hasse Pais Brandão, *Morfismos*, 1961
34. Gastão Cruz, *A morte percutiva*, 1961
35. Vasco Graça Moura, *Modo mudando*, 1963
36. Fernando Assis Pacheco, *Cuidar dos vivos*, 1963
37. Manuel Alegre, *Praça da canção*, 1965
38. Armando Silva Carvalho, *Lírica consumível*, 1965
39. José Saramago, *Os poemas possíveis*, 1966
40. Mário Cláudio, *Ciclo de cypris*, 1969

BIBLIOGRAFIA

(poemas citados ou mencionados no texto)

ALEGRE, Manuel, *Obra poética*, Lisboa, Dom Quixote, 1999.

ANDRADE, Eugénio. *Poesia e Prosa [1940-1979]*, Lisboa, Imprensa Nacional
- Casa da Moeda, 1980, vols. I e II.

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *Livro sexto*, Lisboa, Moraes, 1962.
— *Obra poética III*. Lisboa, Caminho, 1996, 2ª ed.
- BELO, Ruy, *Obra poética*, Lisboa, Presença, 1981, vols. I e II.
- BETTENCOURT, Edmundo de, *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999.
- BRANDÃO, Fíama Hasse Pais, *Obra breve*, Lisboa, Teorema, 1991.
- BRITO, Casimiro de, *Ode & Ceia (Poesia 1955-1984)*, Lisboa, Dom Quixote, 1985.
- CARVALHO, Armando Silva, *Obra poética (1965-1995)*, Porto, Afrontamento, 1998.
- CARVALHO, Raul de, *De nome inominado*, Lisboa, Ed. do Autor, 1974.
- CASTRO, E. M. de Melo, *Trans(a)parências (Poesia-I, 1950-1990)*. Sintra, Tertúlia, 1990.
- CESARINY, Mário, “Cantiga de amigo e de amado”, *Retratos e poemas, fotografias de Luísa Ferreira*, Lisboa, Teorema, 1998.
- CLÁUDIO, Mário, *Terra sigillata*, Lisboa, & etc, 1982.
- CORREIA, Natália, *Poesia completa*, Lisboa, Dom Quixote, 1999.
- CRUZ, Gastão, *Poemas reunidos*, Lisboa, Dom Quixote, 1999.
- ECHEVARRÍA, Fernando, *Geórgicas*, Porto, Afrontamento, 1998.
- FERREIRA, José Gomes, *Poeta militante*, Lisboa, Moraes, 1977, vol. II.
- FONSECA, Manuel, *Obra poética*, Lisboa, Caminho, 1984.
- GEDEÃO, António, *Poesias completas [1956-1967]*, Lisboa, Sá da Costa, 1983, 9.ª ed.
- GONÇALVES, Egito, *O amor desagua em delta*, Porto, Inova, 1971.
- GUIMARÃES, Fernando, *Poesias completas (1952-1998)*, Porto, Afrontamento, 1994, v. I.
- HATHERLY, Ana, *Eros frenético*, Lisboa, Moraes, 1968.
- HELDER, Herberto, *Poesia toda*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1990.
- HORTA, Maria Teresa, *Destino*, Lisboa, Quetzal, 1998.
- JORGE, Luíza Neto, *Poesia (1960-1989)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.
- LISBOA, António Maria, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1977.
- LISBOA, Irene, *Poesia I*, Lisboa, Presença, 1991.
- MACEDO, Helder, *Viagem de inverno*, Lisboa, Presença, 1994
- MONTEIRO, Adolfo Casais, *Poesias completas*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- MOURA, Vasco Graça, *Poemas escolhidos 1963-1995*, Lisboa, Bertrand, 1996.
— *O retrato de Francisca Matroco e Outros poemas*, Lisboa, Quetzal, 1998.
- MOURÃO-FERREIRA, David, *Obra poética 1948-1988*, Lisboa, Presença, 1997, 3.ª ed.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Obras completas-Poesia*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989., vols. I e II.

- OLIVEIRA, Carlos de, *Trabalho poético*, Lisboa, Sá da Costa, [1976], vol. I.
- O'NEILL, Alexandre, *Poesias completas, 1951/1981*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- PACHECO, Fernando Assis, *A musa irregular* [obra poética], Porto, Asa, 1996, 2.^a ed.
- ROSA, António Ramos, *Não posso adiar o coração (Poesia 1958-1973)*, Lisboa, Plátano, 1974.
- RÉGIO, José, *Poemas de Deus e do Diabo*, Porto, Brasília, 1981, 9.^a ed.
— *Música ligeira*, Porto, Brasília, 1970.
- SARAMAGO, José, *Poemas possíveis*, Lisboa, Caminho, 1982, 2.^a ed.
- SENA, Jorge de, *Poesia-III*, Lisboa, Moraes, 1978.
- TAMEN, Pedro, *Poesia 1956-1978*, Lisboa, Moraes, 1978.
- TORGA, Miguel, *Poesia completa*, Lisboa, Dom Quixote, 2000.

AGRADECIMENTOS

Sou especialmente grato a Cleonice Berardinelli, Eduardo Prado Coelho, Eucanaã Ferraz, Gilda Santos, José Carlos Barcellos, Luís Filipe Castro Mendes, Margarida Barahona, Maria Fernanda de Abreu, Teresa Cristina Cerdeira que com o empréstimo de livros ou sugestões me ajudaram nesse trabalho. Agradeço a Agripina Costa Marques os mais recentes e muitos livros de António Ramos Rosa. Sou ainda grato aos poetas que me deram os seus livros que eu não tinha.

Um agradecimento particular quero fazer a Mauricio Matos, que comigo leu, fotocopiou, recortou e colou poemas para, quem sabe, um futuro próximo livre do critério de certas editoras.